

Restauro das ruínas da Igreja de São José da Boa Morte vai requalificar a região de Cachoeiras de Macacu



Consolidação das ruínas da igreja resgata importante marco do período colonial fluminense

Após quase 400 dias de trabalho, muitos deles impactados por períodos de fortes chuvas, a equipe da Construtora Biapó segue avançando no restauro das ruínas da Igreja de São José da Boa Morte, na região de Cachoeiras de Macacu, no estado do Rio de Janeiro. O sítio arqueológico preserva os vestígios de uma antiga igreja erguida por volta de 1734 pela Irmandade de São José da Boa Morte, inicialmente construída em técnicas tradicionais como pau a pique, pedra e cal.

Durante os séculos XVIII e XIX, o local funcionou como espaço de culto, devoção e acolhimento espiritual, especialmente para pessoas que enfrentavam os últimos momentos de suas vidas. A tradição ganhou ainda mais força durante os surtos de malária que atingiram a região no século XIX. Muitos moradores acreditavam que, ao serem enterrados ali, poderiam morrer em paz, seguindo o exemplo de São José.

Essa prática se manteve até 1850, quando uma nova legislação imperial proibiu sepultamentos no interior das igrejas, encerrando oficialmente o costume.

Cortada pelo Rio Macacu e cercada por paisagens de Mata Atlântica, a área das ruínas hoje se destaca também pelo potencial turístico e ambiental. A região atrai visitantes interessados em ecoturismo e esportes de aventura, como trekking, montanhismo e rapel, graças à presença de picos rochosos, trilhas e diversas cachoeiras.

Com o avanço do restauro, o local caminha para iniciar um novo ciclo de valorização histórica e cultural. Isso porque o projeto busca preservar as ruínas e, ao mesmo tempo, integrar o patrimônio à paisagem natural ao redor, criando um espaço que combine memória, contemplação e atividades culturais. A proposta é transformar o sítio em um destino turístico diferenciado, capaz de atrair visitantes e fortalecer a identidade cultural da região.



O novo centro turístico e cultural do Rio de Janeiro está com 80% das obras concluídas

Entre as etapas já executadas na obra estão a retirada das formas das lajes e vigas, a construção da estrutura do forro da marquise e a instalação de conduítes para as instalações elétricas. Também foi implantado o Sistema de Proteção contra Descargas Atmosféricas (SPDA) e definidos os pontos de luminárias externas, que irão valorizar a iluminação cênica do conjunto arquitetônico.

Nos sanitários, foi construída uma platibanda – estrutura localizada na borda superior das paredes externas que oculta o telhado e confere uma estética mais limpa e contemporânea ao edifício. Além do aspecto visual, a platibanda também contribui para proteger as paredes contra a água da chuva, aumentando a durabilidade da construção. O telhado e a estrutura dos forros já foram concluídos, enquanto as instalações hidráulicas e o assentamento dos porcelanatos estão em andamento.

Além da consolidação e preservação das ruínas da igreja, o projeto inclui a implantação do Centro Comunitário Cachoeiras de Macacu em seu entorno imediato. Nas alvenarias da nova edificação, incluindo as áreas dos sanitários, está sendo executado o emboço, etapa em que se aplica uma camada de argamassa de acabamento rústico para nivelamento das superfícies. Também já foi executada a estrutura do forro do edifício, projetado em pavimento único.

Respeitando a topografia do terreno e preservando a vegetação existente, o futuro espaço comunitário foi concebido para uso coletivo e deverá abrigar exposições, oficinas de artesanato, atividades educativas e celebrações comunitárias, devolvendo vitalidade a uma área que por muitos anos permaneceu abandonada.

A ideia principal do projeto é promover um diálogo entre diferentes tempos históricos – das ruínas coloniais às novas estruturas contemporâneas – conectando objetos, memórias e materiais. Ao mesmo tempo, busca estimular a convivência entre moradores, visitantes e turistas, contribuindo para a valorização do patrimônio cultural e para o desenvolvimento sustentável de Cachoeiras de Macacu.

Obra do CCBB-RJ se destaca pelos desafios de restaurar um edifício em pleno funcionamento



A área da rotunda foi equipada com andaimes para possibilitar o restauro minucioso dos lustres de teto

A restauração do prédio do Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro (CCBB-RJ) reúne uma série de particularidades técnicas e operacionais que tornam a obra

especialmente desafiadora. Todas as etapas do trabalho estão sendo realizadas com o edifício aberto ao público, um dos centros culturais mais visitados do país. Nos últimos meses, o espaço registrou um fluxo médio diário superior a 12 mil visitantes, o que reforça a importância de um planejamento rigoroso e de treinamentos específicos para que a equipe, formada majoritariamente por mulheres, execute cada etapa com segurança, organização e qualidade.

A obra de restauração dos pisos, portas e luminárias teve início em agosto de 2024, com previsão de conclusão em abril de 2026. Os trabalhos começaram pelo piso do térreo, onde foi realizado um processo minucioso de substituição das placas danificadas e instalação de novas peças. O serviço incluiu ainda recomposição das superfícies, aplicação de rejuntas, obturação do mármore branco e do lioz amarelo, além de limpeza especializada para remoção de manchas e oxidação. Ao final, foi aplicada uma camada protetiva para preservar os materiais e garantir maior durabilidade.

A restauração das portas e caixonetes em madeira também segue um processo detalhado e cuidadoso. As etapas incluem isolamento dos vãos, retirada das portas e ferragens, decapagem mecânica das camadas de pintura acumuladas ao longo do tempo e testes de solvência para identificar os tratamentos adequados. Em seguida, são realizados serviços de limpeza química superficial, clareamento de áreas com queimaduras e fixação de partes soltas ou substituídas. Pequenas perdas são preenchidas por obturação, enquanto danos mais profundos recebem enxertia em madeira. O processo é finalizado com nivelamento das superfícies, revisão e limpeza das ferragens, com substituição quando necessário, e aplicação de verniz protetivo.



Restauração de portas incônicas parte da valorização dos materiais e suas características originais

Outro destaque do restauro é o trabalho de recomposição das luminárias decorativas do edifício, como lustres, arandelas e plafons. O processo resgata o método clássico de montagem dos cristais, a partir do mapeamento das sequências originais de cada peça, organizadas em composições crescentes ou decrescentes conforme o estilo das luminárias. Para garantir maior resistência e durabilidade, estão sendo utilizadas ligas metálicas mais robustas na remontagem.



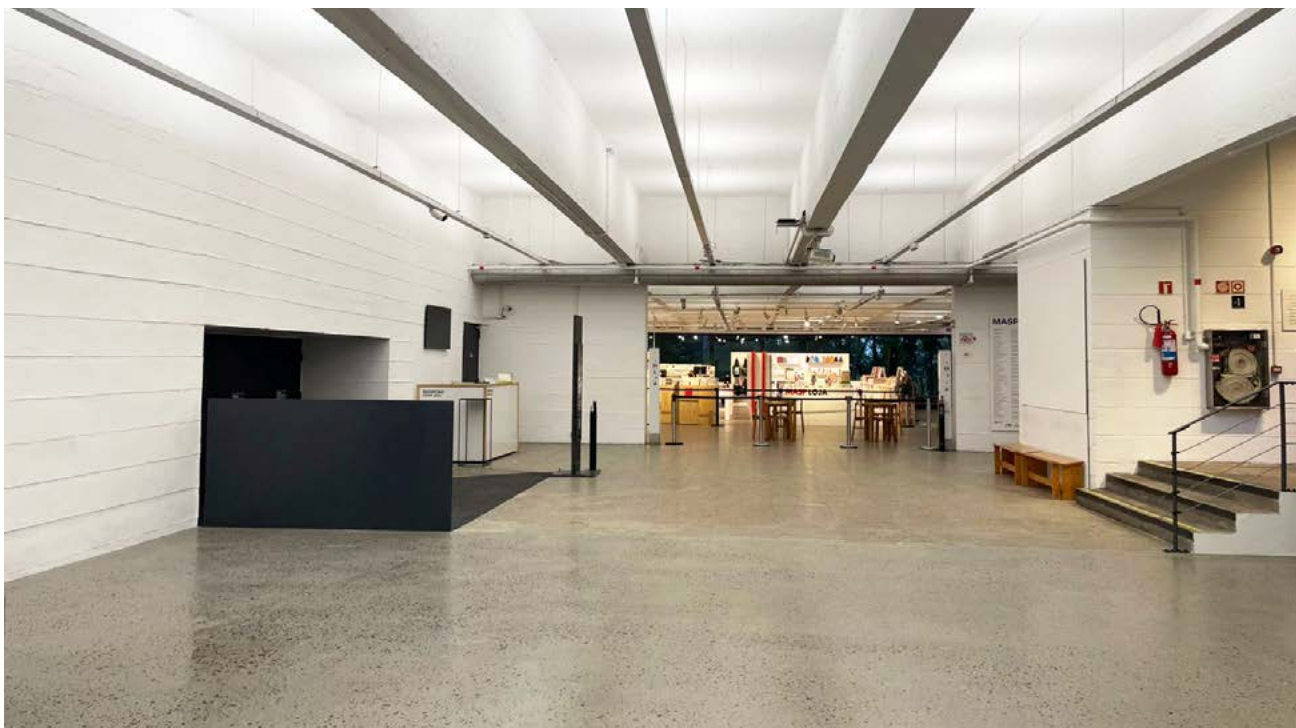
Cuidadoso processo de restauro dos lustres foi registrado na série [“Olhe para Cima”](#)

Cada lustre ou pendente abriga mais de 8 mil peças de cristal, organizadas em colares de contas ou em amarrações clássicas com alfinetes, que unem manualmente cada elemento da composição. Trata-se de um trabalho artesanal de grande precisão, no qual cada cristal é recolocado individualmente, respeitando o desenho original das luminárias. Essas peças de iluminação (de diferentes tamanhos, formas e estilos) desempenham papel fundamental na ambientação dos espaços internos do CCBB-RJ. Algumas oferecem iluminação mais focada e discreta, enquanto outras formam conjuntos exuberantes, compostos por dezenas de lâmpadas e correntes de elos brilhantes que se movimentam suavemente ao toque. Há ainda modelos com braços alongados que remetem a candelabros clássicos, além de estruturas robustas em ferro e bronze sustentadas por cabos de aço.

Todas essas composições fazem parte do conjunto de luminárias históricas do edifício que estão passando por um processo criterioso de restauração, em que cada peça é desmontada, tratada e remontada individualmente. O objetivo é preservar as características originais do patrimônio, ao mesmo tempo em que se garante segurança, funcionalidade e valorização estética dos ambientes. Para saber mais sobre essa obra, assista a série de vídeos produzidas pela [Construtora Biapó no YouTube](#).

Construtora Biapó mantém parceria com MASP

Após a inauguração do edifício Pietro Maria Bardi, anexo do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), a Construtora Biapó retomou sua parceria com a instituição para executar um espaço de acolhimento na interligação entre os dois edifícios: o edifício histórico Lina Bo Bardi e o edifício anexo Pietro Maria Bardi. A Biapó já havia sido contratada pela equipe de projetos do museu para realizar o [restauração dos pórticos vermelhos](#) do edifício Lina em 2023.



Dois edifícios interligados por um túnel formam agora um único museu

Nessa última etapa, iniciada em maio de 2025, houve adaptação do antigo auditório do edifício histórico. O espaço foi desativado e passou por um processo de retrofit para se transformar na área de acolhimento do túnel que conecta os dois prédios, criando uma circulação integrada entre os diferentes ambientes do museu.

A metodologia adotada para o restauro das lajes e vigas existentes no ambiente seguiu as fichas técnicas elaboradas anteriormente para as intervenções nos pórticos e na laje do vão livre do MASP, realizadas entre 2023 e 2025. O trabalho começou com a remoção de toda a infraestrutura e das instalações antigas existentes na área destinada ao acolhimento do túnel. Essa etapa incluiu a retirada de carpetes, portas, mobiliários, sistemas elétricos e especiais já obsoletos.

A demolição do piso e de uma parede existente foi realizada de forma controlada. Durante o processo, foi identificada uma laje que serve como cobertura da cabine de barramento do museu. Esse elemento passou por reforço estrutural para garantir sua integridade. O novo piso executado, em concreto com agregado aparente, foi uma etapa de serviço importante, gerenciada pela Construtora Biapó e executada por uma empresa terceirizada. Paralelamente, foi executada a recuperação estrutural da parede

de contenção do túnel, seguindo os parâmetros estabelecidos nas fichas de restauro e nas metodologias aplicadas anteriormente na restauração dos pórticos e na laje do vão livre do edifício Lina.

Na parte interna do túnel, que está em fase final de construção por uma empresa terceira, para viabilizar a recuperação estrutural da parede de contenção, que faz parte do escopo da obra do acolhimento pela Biapó, foram instaladas torres metálicas para escoramento da laje do túnel durante a recuperação da parede, atendendo a recomendação da equipe de engenharia do MASP. As torres foram desmontadas após a recuperação integral da parede de contenção do túnel.



Obras marcam uma nova fase do MASP, com aumento de mais de 50% dos espaços expositivos

Na etapa de demolição das estruturas do antigo auditório, além do antigo piso em concreto, foi realizada a demolição de uma parede entre o auditório e a recepção existente do MASP, pois a parede demolida não possuía função estrutural, o que permitiu ampliar a área de recepção do museu e melhorar a organização do espaço de acesso ao novo percurso subterrâneo.

Nos elementos arquitetônicos que permaneceram no projeto de retrofit, especialmente lajes e vigas em concreto aparente, foram adotadas técnicas de conservação compatíveis com as características do material e com a idade da construção, que já ultrapassa cinco décadas. O princípio adotado foi o de intervir o mínimo possível, garantindo a preservação da materialidade original. Para isso, foi realizado um mapeamento detalhado do estado de conservação da laje, identificando patologias, fissuras e outros pontos que demandavam intervenção.

Na etapa de restauro do concreto, o processo começou com a limpeza das superfícies e remoção de manchas utilizando escovas de aço, seguida pela retirada do pó com

esponja úmida e lavagem da área. Em pontos onde as manchas no concreto se mostravam muito evidentes, foi necessário aplicar pigmentação composta por pó xadrez utilizada para suavizar o contraste de manchas claras surgidas após a limpeza e reduzir seu impacto visual.

Em seguida, foram realizados cortes pontuais no concreto nas áreas previamente indicadas pelo mapeamento técnico, permitindo a exposição das armaduras metálicas para o tratamento adequado contra corrosão. Após essa etapa, foi feita a recomposição do substrato com argamassa de reparo estrutural aplicada em camadas.

No caso das vigas, a equipe identificou que diversos reparos haviam sido executados de forma desordenada em intervenções anteriores. Apesar disso, esses reparos ainda cumpriam a função estrutural de proteção das armaduras. Caso fossem totalmente refeitos, haveria risco de perda estética do conjunto. Assim, após discussão com especialistas em arquitetura e engenharia da obra, decidiu-se manter essas intervenções antigas, evitando um grau maior de intervenção no elemento original.



Paredes recebem intervenções rústicas e aparentes que remetem ao brutalismo brasileiro

Já a argamassa de acabamento existente nas paredes apresentava condições precárias de conservação e, por isso, foi integralmente removida para recomposição integral, que seguiu a paginação de tábuas executadas de forma dinâmica, com acabamento sarrafeado para textura mais rústica e natural, próxima ao aspecto do concreto, mantendo a referência das texturas existentes nas paredes do MASP.

No que se refere à infraestrutura elétrica, os eletrodutos da área de acolhimento foram instalados em valas no solo, posicionados abaixo das camadas de concreto. O sistema de iluminação segue o mesmo padrão adotado na recepção do museu, com trilhos que integram o conjunto de iluminação existente no edifício. A intensidade luminosa das lâmpadas poderá ser controlada pela equipe do MASP, permitindo ajustes de acordo com as necessidades de uso do espaço.

Por fim, a pintura do ambiente também seguiu o padrão já adotado nas áreas internas do museu. Após a restauração e recuperação estrutural das lajes e vigas, bem como a recomposição das argamassas, as superfícies receberam aplicação de fundo preparador e três demãos de tinta de acabamento na tonalidade branco neve fosco, garantindo uniformidade visual e integração com os demais ambientes do museu.

Com essa etapa de obras, o museu avança na consolidação de seu projeto de expansão e integração espacial, ampliando a circulação entre os edifícios e oferecendo ao público uma experiência de visita mais fluida, inclusiva e conectada.

Gradis do Palácio Universitário da UFRJ tornam o restauro mais complexo



Fachadas imponentes, gradis e elementos de ferro fundido refletem a sofisticação construtiva da época

A obra de restauração do Palácio Universitário da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sede histórica dessa instituição de ensino, envolve diferentes frentes de intervenção que exigem técnicas especializadas de conservação. O trabalho está dividido em três principais áreas: restauro dos gradis, das cantarias e das alvenarias, cada uma com procedimentos específicos, definidos a partir das características e tipologias dos elementos construtivos.

Os gradis externos que cercam o terreno apresentam duas tipologias distintas, ambas em ferro fundido, distribuídas ao longo do perímetro voltado para a Avenida Venceslau Brás e Avenida Pasteur. Ao todo, são 33 trechos de fechamento que compõem o conjunto ornamental do entorno do edifício histórico. Há quatro portões distribuídos ao longo dos gradis. O portão principal, que dá acesso ao Palácio Universitário, possui também um gradil em ferro fundido com 0,95 m de altura.

A tipologia 1, localizada na Avenida Venceslau Brás, inclui um portão, trechos de alvenaria, cantaria e quatorze módulos de gradil. Cada trecho é delimitado por pilares de alvenaria entre os quais se erguem dois pilares de ferro ornamentados com o brasão do Brasil. Entre esses elementos estruturais, encontram-se onze peças verticais em ferro fundido com o mesmo desenho ornamental que caracteriza o gradil.

Já a tipologia 2 está presente em parte da extensão da Avenida Venceslau Brás e ao longo de toda a Avenida Pasteur, totalizando dezenove trechos. Nesse caso, cada módulo possui três pilares de ferro fundido com quatro faces ornamentadas. Entre eles, aparecem variações com quatorze ou quinze elementos verticais, compostos por peças decorativas de desenhos distintos. Essa tipologia também inclui três portões e trechos de cantaria integrados ao conjunto.



Uso de ferro fundido era comum em construções e ornamentos na segunda metade do século XIX

O diagnóstico técnico identificou diversas patologias nos elementos em ferro fundido. Entre as mais recorrentes estão processos avançados de corrosão, ferrugem, alteração cromática, acúmulo de sujidades, deslocamento da pintura e presença de agentes biológicos, como líquens, algas, fungos e bactérias. Também foram registradas lacunas, elementos faltantes e fissuras, resultantes tanto de abrasão química e mecânica quanto de movimentações estruturais ao longo do tempo.

Nos elementos em cantaria – pedras moldadas que compõem parte das bases e estruturas de apoio do gradil –, foram observadas alterações cromáticas,

formação de crosta negra, esfoliação da superfície, fissuras, perdas de material e desagregação. Além disso, verificou-se a presença de colonização biológica, grafites e próteses executadas em intervenções anteriores que se mostraram inadequadas.

As muretas e os pilares de alvenaria também apresentam diversos pontos de deterioração. Entre os problemas identificados, estão o acúmulo de crosta negra, grafitismo, marcas de intervenções indevidas, como vestígios de painéis e cartazes, perda ou deslocamento de camadas pictóricas, desprendimento de argamassa, fissuras, manchas de umidade, ação de micro-organismos e vegetação espontânea.

Intervenções de restauro

Nos gradis e portões de ferro fundido, o processo de restauro começou com o lixamento manual para limpeza das superfícies, utilizando escovas de aço e diferentes granulações de lixa. Em seguida, foi realizada a higienização com água e detergente neutro. Após a preparação da superfície, os elementos receberam pintura interna e externa com tinta anticorrosiva de proteção e, posteriormente, duas demãos de tinta esmalte sintético fosco na cor grafite.

Antes do início das intervenções, foi feito um levantamento detalhado das peças soltas ou faltantes nos gradis. Para sua reposição, foram produzidos moldes em impressão 3D que permitiram a reprodução das peças originais por meio de processo de fundição, garantindo fidelidade ao desenho histórico do conjunto.



Levantamento é realizado antes da higienização e do tratamento adequado de peças soltas

Nos elementos de cantaria, foram realizadas etapas de limpeza e higienização com herbicidas e fungicidas para eliminação de agentes biológicos. Também foram removidas pichações em peças de gnaisse, além de sucessivas camadas de tinta aplicadas em intervenções anteriores. Próteses e obturações inadequadas foram retiradas com o uso de espátulas e brocas especializadas. Após essa etapa, foram executados procedimentos de limpeza fina, consolidação do material pétreo, recomposição de lacunas, rejuntamento das peças e, por fim, aplicação de proteção superficial com resina hidrofóbica.

Nas alvenarias, as superfícies passaram por higienização e testes de percussão com martelo de borracha para identificar áreas com argamassa comprometida. As regiões onde foram detectados desprendimentos ou fragilidade estrutural tiveram as camadas deterioradas removidas e recompostas. O reboco externo foi executado com argamassa pigmentada, seguido de pintura mineral à base de cal, aplicada em duas demãos.

Com essas intervenções, o projeto busca preservar o conjunto histórico do Palácio Universitário, restaurando seus elementos arquitetônicos e ornamentais e garantindo maior durabilidade e integridade ao patrimônio. O trabalho nos gradis, em especial, evidencia a complexidade de restaurar estruturas metálicas históricas que combinam valor estético, função urbana e alto nível de detalhamento ornamental.



Arte, música e memória: ações do Instituto Biapó movimentam a cidade de Goiás em 2026



Casa do Rio recebe diversas atrações culturais e se consolida como lugar de acolhimento das artes

No coração histórico da cidade de Goiás, onde ruas de pedra e casarões coloniais guardam séculos de história, a programação cultural de 2026 tem sido marcada por uma intensa agenda promovida pelo Instituto Biapó em parceria com relevantes entidades locais. Entre concertos, encontros artísticos e atividades culturais abertas ao público, a instituição reafirma seu papel como um dos articuladores da vida cultural vilaboense.

Com sede na Casa do Rio, no centro histórico da cidade, o Biapó tem apostado em iniciativas que aproximam artistas e comunidade, ocupando espaços simbólicos da antiga capital goiana e estimulando o diálogo entre patrimônio, arte contemporânea e tradição. As ações realizadas ao longo dos primeiros meses de 2026 revelam a vocação do Instituto Biapó para atuar como um ponto de convergência entre arte, patrimônio e comunidade.

Janeiro, fevereiro e março foram marcados por eventos que uniram música, espiritualidade e ocupação cultural dos espaços históricos da cidade. No dia 21 de fevereiro o cantor e compositor goiano Nilton Rabello apresentou um concerto na Igreja do Carmo, dentro do projeto Encontros de Música e Fé. A apresentação gratuita reuniu moradores e visitantes em uma experiência que combinou repertório autoral e clássicos da música popular brasileira. O projeto tem como proposta valorizar artistas do estado e promover apresentações musicais em pontos históricos da cidade, conectando cultura e espiritualidade em um mesmo espaço simbólico. Com apoio do Instituto Biapó, a iniciativa reforça o potencial da música como instrumento de valorização da identidade cultural local.



O violinista André Correia foi a atração da série Diálogos Musicais de fevereiro

A programação segue com novas ações culturais, concertos mensais da série Diálogos Musicais, com apresentações gratuitas na Associação Mulheres Coralinas e na sede do Instituto Biapó. Destaca-se também o apoio da instituição à serenata noturna pelas ruas do centro histórico, realizada pelo Museu Casa de Cora Coralina, retomando uma tradição cultural que faz parte da memória afetiva da cidade. Ao ocupar espaços, os eventos reforçam o caráter participativo da cultura vilaboense e a importância da arte como experiência coletiva.

FotoFogaréu chega à segunda edição e amplia o olhar sobre o ritual mais emblemático de Goiás



Concurso premia fotografias que melhor retraram a Procissão do Fogaréu

A força simbólica e estética da Procissão do Fogaréu, uma das manifestações mais marcantes da cultura goiana, ganha novas camadas de interpretação com a realização da segunda edição do [Concurso de Fotografia FotoFogaréu](#). Aberto a profissionais e amadores, o concurso convida o público a registrar, sob múltiplos olhares, a intensidade visual e emocional do cortejo, que acontece na noite de 1º de abril.

Mais do que um registro documental, a proposta é provocar uma aproximação sensível com o rito, capturar não apenas a cena, mas a atmosfera, a tensão, o movimento e a memória que atravessam a procissão. Com mais de R\$ 5 mil em premiação, a iniciativa reforça o papel da fotografia como linguagem capaz de reinterpretar tradições e reinscrevê-las no presente.

A edição deste ano dialoga diretamente com a abertura da exposição Fogaréu, inaugurada em 21 de março, no Instituto Biapó. Ocupando todas as salas do espaço, a mostra propõe uma experiência imersiva ao visitante: um mergulho nos bastidores e nas camadas simbólicas da procissão, como se o tempo fosse suspenso para permitir uma observação mais profunda.

Tradicionalmente vivida em movimento, rápida, noturna e carregada de dramaticidade, a Procissão do Fogaréu é marcada pela encenação da perseguição e prisão de Jesus Cristo, evocando um episódio fundante da cultura ocidental. No entanto, ao ser

transposta para o espaço expositivo, essa narrativa se transforma. A urgência dá lugar à contemplação.

Na mostra, a procissão se abre. Revela farricocos, artistas, diversos profissionais e organizadores, além de objetos, instrumentos e signos que compõem sua dramaturgia. O que antes era visto de passagem torna-se acessível em detalhe, convidando o público a compreender a complexidade de uma tradição que se mantém viva há quase três séculos em Goiás.

Criada em 1745, a Procissão do Fogaréu caminha para seus 300 anos como um dos mais potentes exemplos de permanência cultural no Brasil. Ao articular fotografia, memória e experiência sensorial, o concurso e a exposição reafirmam sua atualidade, não como relíquia, mas como linguagem viva, em constante reinvenção.

Mais do que promover eventos, o instituto tem se dedicado a fortalecer a relação entre moradores e o patrimônio cultural da cidade, reconhecida internacionalmente por sua arquitetura colonial e por suas tradições culturais. Nesse cenário, cada concerto, serenata ou encontro artístico torna-se também um convite para redescobrir a cidade e suas múltiplas formas de expressão.

Ao longo de todo o ano, a expectativa é que novas exposições, apresentações musicais e atividades formativas ampliem ainda mais o diálogo entre cultura, memória e comunidade, consolidando o Instituto Biapó como um dos principais agentes culturais da região.

Expediente

Coordenação editorial
Fabiana Lima

Textos
Cláudia Nunes

Edição e revisão
Julieta Garcia

Diagramação
Fabiana Lima

Jornalista responsável
Armando Araújo GO0554 JP

Fotos
Arquivo Biapó, Gabriel Côrtes, Jéssica Marques.

Colaboração
Célia Moisés, Px Silveira, Sérgio Costa, Stephanie Augusta, Vanessa Dayane.

Biapó Notícias é um órgão de informação da Construtora Biapó Ltda.

Avenida Buritis, nº 790, Village Santa Rita, Goiânia - GO, CEP: 74395-015
Contato (62) 3241-0575 - contato@biapo.com.br

